

**NÓS
QUE
LUTAMOS
COM
DEUS**

NÓS QUE LUTAMOS COM DEUS

PERCEPÇÕES DO DIVINO

JORDAN B.
PETERSON



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Nós que Lutamos com Deus

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright ©2024 Jordan Peterson.

ISBN: 978-85-508-2673-8

Alta Books é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Translated from original We Who Wrestle With God © 2024 by Jordan Peterson. ISBN 978-0-593-54253-8. This translation is published and sold by Penguin Random House, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P485n

1.ed. Peterson, Jordan

Nós que lutamos com Deus : percepções do divino / Jordan Peterson ; tradução Wendy Campos. - 1.ed. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.

576 p. ; il. : 15,7 x 23 cm.

Título original: We who wrestle with God.

ISBN 978-85-508-2673-8

1. Cristianismo - Filosofia. 2. Deus.

3. Histórias bíblicas. 4. Mitologia. 5. Psicologia.

6. Religiões. I. Campos, Wendy. II. Título.

04-2025/143 CDD 220.95

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias bíblicas : Cristianismo 220.95

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecida na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Jose Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Produtor Editorial: Thiê Alves

Tradução: Wendy Campos

Copidesque: Helena Coutinho

Revisão: Vanessa Schreiner; Denise Himpel

Diagramação: Joyce Matos



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



*À minha recém-falecida mãe,
Beverley Ann Peterson,
que, como todos nós, lutou com Deus
(ela, na maioria das vezes, com alegria).*

SUMÁRIO

Cadáver-Consolo ♦ xi

Prenúncio: A Voz Calma e Baixa ♦ xv

1

NO PRINCÍPIO 1

1.1. Deus como espírito criativo ♦ 1

1.2. O espírito do homem no lugar mais elevado ♦ 7

1.3. O real e sua representação ♦ 11

1.4. Eva a partir de Adão ♦ 22

1.5. À imagem de Deus ♦ 27

2

ADÃO, EVA, ORGULHO, AUTOCONSCIÊNCIA E A QUEDA 39

2.1. A imagem de Deus no eterno paraíso ♦ 39

2.2. O orgulho versus a sagrada ordem moral ♦ 43

2.3. A incompletude de Adão e a chegada de Eva ♦ 51

2.4. Os eternos pecados de Adão e Eva ♦ 54

2.5. A eterna serpente ♦ 59

2.6. A nudez e o sofrimento como fruto do pecado ♦ 64

2.7. A perda do Paraíso e a espada flamejante ♦ 75

3

CAIM, ABEL E SACRIFÍCIO 87

3.1. A identidade do trabalho e do sacrifício ♦ 87

3.2. Os irmãos hostis do bem e do mal ♦ 96

3.3. O padrão sagrado do político ♦ 102

3.4. O bom pastor como líder arquetípico ♦ 105

3.5. O sacrifício que agrada a Deus ♦ 111

3.6. Possessão criativa pelo espírito do ressentimento ♦ 115

3.7. Humildade e fé versus orgulho, desespero e ira vingativa ♦ 128

3.8. Fratricídio e, então, algo pior ♦ 138

4

NOÉ: DEUS E O CHAMADO PARA A PREPARAÇÃO 155

4.1. Gigantes na terra ♦ 155

4.2. Pecado e o retorno do caos ♦ 157

4.3. Salvação pelos sábios e o restabelecimento do mundo ♦ 164

4.4. O filho infiel condenado à servidão ♦ 181

5

A TORRE DE BABEL: DEUS VERSUS
TIRANIA E ORGULHO 187

- 5.1. Lúcifer e os engenheiros ♦ 187
- 5.2. Orgulho e queda, a reprise: declínio ao próprio inferno ♦ 206
- 5.3. Inabilidade para a compreensão mútua ♦ 213
- 5.4. Deus — ou... ♦ 223

6

ABRAÃO: DEUS COMO O CHAMADO
VIVIFICANTE À AVENTURA 237

- 6.1. Siga adiante ♦ 237
- 6.2. O diabo na encruzilhada ♦ 258
- 6.3. A vida como divisão sacrificial ♦ 263
- 6.4. Sexo e parasitismo ♦ 267
- 6.5. Sacrifício e transformação de identidade: Abrão, Sarai e Jacó ♦ 276
- 6.6. Com os anjos para o abismo ♦ 289
- 6.7. O ápice do sacrifício ♦ 304

7

MOISÉS I: DEUS COMO O TEMÍVEL
ESPÍRITO DA LIBERDADE 313

- 7.1. Os judeus como escravos e viajantes indesejados ♦ 313
- 7.2. A sarça ardente como revelação do ser e do tornar-se ♦ 318

- 7.3. Retorno ao reino tirânico ♦ 332
- 7.4. De volta à terra da resistência obstinada ♦ 340
- 7.5. O interregno inevitável entre o caos e o espírito que nos guia ♦ 353
- 7.6. O Estado subsidiário como alternativa à tirania e à escravidão ♦ 369
- 7.7. Os Mandamentos como explícita revelação dos costumes ♦ 379

8

MOISÉS II: HEDONISMO E TENTAÇÃO IMATURA 397

- 8.1. Materialismo e celebração orgiástica ♦ 397
- 8.2. O restabelecimento desesperado do pacto ♦ 403

9

JONAS E O ABISMO ETERNO 457

- 9.1. Jonas se arrepende de sua virtude ♦ 480

CONCLUSÃO 487

Notas ♦ 499

CADÁVER-CONSOLO

Não, não, cadáver-consolo, Desespero, não me banquetarei de ti;
Nem desatarei — por mais tíbios — os últimos laços de homem em mim
Ou, por mais exaurido, gritar *não posso mais*. Eu posso, sim;
Posso, esperança, e anseio que o dia venha, não escolho não ser.
Mas, ah! Ó terrível, por que urge sobre mim
Teu esmagador pé direito, opressor do mundo? Ergue tua pata de leão contra mim?
Observa com olhos sombrios e devoradores meus ossos dilacerados? E sopra,
Ó, em tormentas de tempestade, destroçado estou, frenético para evitar-te e fugir?

Por quê? Para que minha palha voe; meu grão caia, puro e limpo.
Não, em todo aquele esforço, aquele flagelo, desde que (parece) beijei o chicote,
Ou a mão, então, meu coração, ei-lo! Ganhou força, roubou alegria, quis rir, aplaudir.
Mas aplaudir quem? O herói cuja mão celestial me lançou e o pé me pisoteou?
Ou eu, que lutei com ele? Ó, qual dos dois? Ambos? Aquela noite, aquele ano
De escuridão, agora terminada, eu, miserável, estava lutando com (meu Deus!)
meu Deus.¹

Versões anteriores da última estrofe:

De escuridão encerrada, em que eu, miserável, lutei, me debati com Deus.
Agora, tudo terminado, sei que, miserável, lutei, me debati com Deus.
Em que, ao fim de tudo, sei que lutei, eu me debati com Deus.
De escuridão, enfim terminada, eu, miserável, lutei e me debati.

— Gerald Manley Hopkins (1885)

A história dos Seres supremos de estrutura celeste é de grande importância para a compreensão da história religiosa da humanidade como um todo. Não será possível escrevê-la aqui, nestas poucas páginas, mas não podemos deixar de mencionar um fato que nos parece capital: os Seres supremos de estrutura celeste têm tendência a desaparecer do culto; “afastam-se” dos homens, retiram-se para o Céu e tornam-se *dei otiosi*. Numa palavra, pode se dizer que esses deuses, depois de terem criado o Cosmos, a vida e o homem, sentem uma espécie de “fadiga”, como se o enorme empreendimento da Criação lhes tivesse esgotado os recursos. Retiram-se, pois, para o Céu...²

— Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano* (1959)

PRENÚNCIO: A VOZ CALMA E BAIXA

Começamos nossa jornada, nossa luta com Deus, com uma história única. Uma história que apresenta uma ideia de notável relevância, na forma dramática típica das narrativas bíblicas — uma ideia que pode nos ajudar a compreender por que devemos explorar essas antigas histórias, cada vez mais esquecidas. É a fábula de Elias, também conhecido como Elijah, que nos oferece uma das mais fundamentais caracterizações ou definições de Deus. O profeta em questão viveu na época do rei Acabe e de sua esposa Jezabel, no século IX a.C. Embora sua história seja breve, Elias se destaca entre os profetas por duas razões: sua estranha partida da Terra e sua aparição, muito mais tarde, ao lado de Moisés e de Jesus de Nazaré no topo do monte Tabor durante a Transfiguração, quando Jesus revelou sua identidade divina para seus discípulos (Mateus 17:1–9; Marcos 9:2–8 e Lucas 9:28–37). Esse termo, *transfiguração*, foi empregado pelos tradutores latinos do texto original em grego, que se referem ao evento por meio da palavra *metamorphoō*, com suas conotações de transformação qualitativa da lagarta em borboleta. Seres humanos crescem e se desenvolvem conforme amadurecem — presumindo que amadureçam — de uma maneira quase tão radical quanto o inseto alado. Como o apóstolo Paulo observa em 1 Coríntios 13:11: “Quando eu era criança, falava como criança, entendia como criança, pensava como criança; mas quando eu me tornei homem, eu coloquei de lado as coisas infantis.” Está longe de ser irrelevante o fato de que

a palavra grega *psyché* (ψυχή) — raiz da qual deriva o termo *psicologia*; o significante para a alma ou espírito humano — tenha o sentido literal de borboleta.

Por mais profunda que seja essa conexão entre alma e borboleta, não é o único motivo para comparação. Borboletas também são capazes de impressionantes proezas de navegação. E nessa capacidade navegacional e, talvez, na brevidade de sua vida e em suas restrições, elas se assemelham aos seres humanos, que viajaram de seu ponto de origem na África para todos os cantos do planeta, por mais distantes e inóspitos que fossem. Esses insetos de asas delicadas também são belos, excepcionalmente simétricos e incríveis em sua capacidade de perceber beleza e simetria, características que buscam ao selecionar seus parceiros. São capazes de detectar desvios em ambas as qualidades com impressionante precisão. Isso revela uma elevada capacidade de julgamento em relação ao ideal: outra capacidade que esses insetos, criados à perfeição, compartilham com a psique humana. Por que tudo isso é relevante para a história de Elias e para a compreensão da vida? Porque a morte e o posterior ressurgimento do profeta na companhia do Cristo transfigurado são representativas, ou simbólicas, da capacidade da psique para a transmutação qualitativa e revolucionária.

Somos informados em 2 Reis 2:1 que Elias é levado corporeamente aos céus, ainda vivo, um privilégio que o Antigo Testamento concede apenas a ele e ao profeta Enoque (Gênesis 5:24). Naturalmente, um dos pilares da tradição cristã é que Jesus ascende aos céus após sua ressurreição em um evento semelhante (Lucas 24:50–53; Atos 1:9–11). Grande parte do cristianismo também aceita o dogma da Assunção de Maria, a ascensão de seu corpo e sua alma aos céus após sua morte, mas esse fenômeno é limitado a essas ocorrências. A ascensão ou assunção ao reino divino denota a presença de alguém muito notável. No momento da assunção de Elias, ele está na companhia de Eliseu, seu discípulo e sucessor. Eles viajavam de Gilgal para Betel, lugares de extrema importância bíblica. Gilgal, por exemplo, é o local onde os israelitas ergueram um memorial a Deus, para celebrar a passagem segura pelo rio Jordão rumo à terra prometida (Josué 4:19–24). Betel, por sua vez, significa “casa de Deus” e aparece pela primeira vez em Gênesis 28:10–22 como o local onde Jacó sonha com uma escada que alcança o céu, pela qual anjos — mediadores entre o homem e o divino — subiam e desciam. Nesse sonho, Deus reafirma a Jacó o pacto que fizera com

Abraão e Isaque, prometendo-lhe numerosa prole, terras e proteção divina. Qualquer história que retrate seus heróis movendo-se de um local importante para outro de equivalente ou maior relevância é, em essência, um relato sobre a própria ideia de “jornada significativa” — uma trajetória de vida trilhada da maneira mais corajosa e significativa possível. Portanto, é apropriado que a última e mais grandiosa aventura de Elias ocorra a caminho de Betel, o local da visão da Escada de Jacó. Ele está na companhia de Eliseu:

E sucedeu, quando eles haviam partido, que Elias disse a Eliseu: Pede-me o que devo fazer por ti, antes que de ti eu seja tomado. E Eliseu disse: Rogo-te que uma porção dobrada do teu espírito seja sobre mim.

E ele disse: Pediste dura coisa: Todavia, se me vires quando eu for tomado de ti, assim se sucederá para contigo; mas se não, assim não se sucederá.

E sucedeu que, enquanto eles ainda seguiam adiante, e conversavam, apareceu ali uma carruagem de fogo, e cavalos de fogo, e os separaram a ambos; e Elias subiu por um turbilhão de vento ao céu.

E Eliseu viu isto, e bradou: Meu pai, meu pai, a carruagem de Israel, e os seus cavaleiros! E ele não mais o viu. E ele agarrou as suas próprias vestes e as rasgou em dois pedaços.

2 Reis 2:9–12

Assim, Elias é levado ao Reino de Deus, da mesma maneira que o grande navegador e admirador da beleza do mundo dos insetos alça voo aos céus após sua metamorfose. A ascensão do profeta ao reino divino prepara o cenário para sua aparição póstuma ao lado de Jesus no topo do monte Tabor:

E, seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu à parte a um alto monte.

E transfigurou-se diante deles; e a sua face resplandeceu como o sol, e as suas vestes estavam brancas como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

Então, respondendo Pedro, disse a Jesus: Senhor, é bom estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias.

E, enquanto ainda falava, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o.

E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre as suas faces, e temeram muito.

Mateus 17:1–6

Uma transformação igualmente impressionante é descrita nos relatos sobre Moisés: “E ao descer Moisés do monte Sinai, as duas tábuas do testemunho estavam na mão de Moisés quando desceu do monte, não sabia Moisés que a pele da sua face resplandecia enquanto falava com ele. E quando Arão e todos os filhos de Israel viram Moisés, eis que a pele da sua face resplandecia. E temeram aproximar-se dele” (Êxodo 34:29–30). Essa resplandecência é a manifestação do ápice supremo, por assim dizer, do que é normalmente humano — uma indicação da descida do divino ao profano, ou da ascensão do profano ou mundano aos céus.

Portanto, faz todo sentido, em termos simbólicos, que essas transformações de caráter ou transmutações da psique ocorram no topo de montanhas. O cume da montanha sagrada é o local mítico onde o céu e a terra se tocam, onde o meramente material encontra o transcendental e o divino. Além disso, a vida pode ser bem representada como uma série de jornadas ao topo da montanha. Para os pessimistas, esse é o temido destino de Sísifo, condenado a empurrar uma rocha montanha acima só para vê-la rolar até a base, em um processo infinito. Um intérprete mais otimista da vida, porém, pode enxergar as oportunidades para a transformação pessoal. Quando escalamos uma nova montanha e chegamos ao cume — isto é, atingimos nosso objetivo —, significa que concluímos algo com sucesso, concretizamos uma visão proximal e nos tornamos mais do que éramos antes. Ao alcançar o topo, ao menos da escalada atual, conseguimos ver tudo o que está diante de nós, incluindo o próximo desafio — a próxima oportunidade para ação, amadurecimento e crescimento;

o próximo chamado para o sacrifício transformacional. O progresso ascendente e contínuo representado por escaladas montanha acima, cada uma com sua experiência culminante, é uma variação do caminho da ascensão simbolizado pela Escada de Jacó, a subida em espiral rumo aos céus e ao Reino de Deus, onde a figura do Próprio Deus reluz no ponto mais alto — no ápice da montanha mais alta imaginável.

Há muito mais na história de Elias do que sua assunção ao reino de Deus e sua transformação final. O grande profeta viveu na época que Israel e Judá eram reinos divididos. Naquele tempo, o povo de Israel era governado pelo rei Acabe, que o converteu para a adoração de outros deuses além de Yahweh (Jeová), o tradicional deus de Abraão, Isaque e do povo escolhido. Esse desvio de propósito foi uma consequência direta do casamento de Acabe e Jezabel, uma abastada princesa fenícia — que, após o matrimônio, apresentou seus falsos deuses ao marido. Baal, o deus de escolha de Jezabel, era a divindade fenícia e canaanita da natureza, responsável pela fertilidade, chuva, trovão, relâmpago e orvalho. A nova esposa de Acabe, uma mulher bastante determinada, matou a maioria dos profetas de Yahweh durante sua tentativa de estabelecer a supremacia de Baal. O texto bíblico ressalta que o marido de Jezabel, inteiramente à mercê da influência da esposa: “[...] fez mais do que todos os reis de Israel antes dele para provocar a ira do Senhor Deus de Israel” (1 Reis 16:33). Elias adverte o rei sobre os perigos de sua fraqueza e idolatria, afirmando que as consequências de seu reinado equivocado serão anos de seca tão severa que até o orvalho cessará.

Como Baal era o deus atribuído à chuva provedora da vida, a seca prevista por Elias claramente minou a autoridade do deus e de seus sacerdotes, além de abalar a confiança do povo em Acabe, seu rei, e em Jezabel. O motivo narrativo do “reino sedento” empregado nesse fragmento é um tropo simbólico de grande significado. Já foi retratado, por exemplo, na obra-prima de animação *O Rei Leão*, da Disney. Scar, o diabólico irmão do rei de direito, destrona Mufasa, o legítimo Rei das Terras do Reino, e exila seu filho Simba para as margens do reino. Como consequência, a chuva cessa e os animais que serviam de alimento aos leões desaparecem. Quando Simba retoma o trono, a chuva volta a cair. O conto de fadas *A Água da Vida*, dos Irmãos Grimm, desenvolve esse tema, apresentando-o como a aventura de um menino, caçula de três irmãos,

encarregado de buscar a água que restaurará as forças do pai moribundo. O Livro do Êxodo faz referência a algo semelhante, no contraste entre a rigidez pétrea do intransigente faraó e a maestria dinâmica de Moisés sobre as águas. Quando o princípio errado é estabelecido como supremo — quando um falso rei assume o trono ou um éthos ímpio prevalece —, o povo rapidamente se vê privado da própria água da vida. Em termos mais profundos, porém, um reino centrado no pilar errado — que adora os deuses errados, por assim dizer — sofre tanto psicológica quanto espiritualmente.

Depois de anunciar a seca e se retirar para o deserto, onde é de início alimentado por corvos e bebe água de um riacho, as provisões do profeta se esgotam. De pronto, Deus ordena que Elias procure uma viúva na cidade de Sarepta. Elias a encontra junto a um poço e lhe pede pão e água. Ela responde: “Vive o Senhor teu Deus, nem um bolo tenho, senão um punhado de farinha em uma barrica, e um pouco de azeite em um cântaro; e eis que estou ajuntando dois gravetos, para que eu possa entrar e prepará-lo para mim e para o meu filho, para que possamos disso comer, e morrer” (1 Reis 17:12). Elias a tranquiliza, dizendo que Deus não permitirá que a privação recaia sobre seu lar: “Porque assim diz o Senhor Deus de Israel: A barrica de farinha não se esgotará, tampouco do cântaro de azeite faltará, até o dia em que o Senhor enviar chuva sobre a terra” (1 Reis 17:14). Pode parecer estranho que um emissário de Deus precise recorrer a uma pobre viúva para o próprio sustento. Mas as narrativas bíblicas são sutis e sofisticadas. Aqui, a história de Elias enfatiza, primeiro, a importância até mesmo dos mais humildes (a viúva, nesse caso); segundo, a necessidade de orientação moral mesmo sob condições de privação (a disposição da viúva em oferecer hospitalidade, uma obrigação que será revisitada em nossa análise); e, terceiro, a abundância como algo dependente da orientação moral adequada por parte de todos, independentemente do status de quem a pratica.

A influência indevida e manipuladora que a esposa do rei fraco exerce sobre seu inepto e incrédulo marido ameaça a integridade do próprio Estado. Em parte, ela representa a atração, em geral perigosa, por ideias e costumes estrangeiros que podem invadir e permear uma sociedade sob o disfarce de algo criativo, sofisticado e novo. Antes que surja a objeção — “Os autores das histórias bíblicas eram inaceitavelmente preconceituosos e até xenofóbicos” —,